



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**Jan Mukařovský
ressuscitado:
o que resta hoje da
Escola de Praga?**

***Jan Mukařovský revived:
what remains from the
Prague School today?***

Autor: Emil Volek

Arizona State University,
Tempe, Arizona, Estados Unidos

Edição: RUS Vol. 12. Nº 19

Publicação: Agosto de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.188551>



Jan Mukařovský ressuscitado: o que resta hoje da Escola de Praga?

Emil Volek*

Resumo: O ensaio apresenta um panorama amplo do estruturalismo tcheco tal como desenvolvido pela Escola de Praga, tomando como referência a obra de um de seus principais integrantes: Jan Mukařovský. O estudo também aborda a questão do descaso internacional no que se refere ao reconhecimento dos trabalhos da Escola, particularmente pela intelectualidade francesa. Na correlação da obra de Mukařovský com as teorias (literárias) mais recentes, contempla-se, em linhas gerais, entre outros, aspectos importantes do New Criticism, Pós-estruturalismo e Desconstrução.

Abstract: This essay presents a broad overview of Czech structuralism as developed by the Prague School, taking as reference the work of one of its main members: Jan Mukařovský. The study also discusses the problem of international neglect with regard to the recognition of the School's work, particularly by French intellectuals. In the correlation of Mukařovský's work with more recent (literary) theories, it is considered, in general lines, among others, important aspects of New Criticism, Poststructuralism and Deconstruction.

Palavras-chave: Escola de Praga; Jan Mukařovský; Estruturalismo; Teoria Literária
Keywords: *Prague School; Jan Mukařovský; Structuralism; Literary Theory*

* Professor titular de Literatura Hispano-americana na Arizona State University. Também trabalha com teoria literária e cultura eslava. É tradutor e divulgador de obras do Formalismo Russo, da Escola de Praga e de Mikhail Bakhtin para o espanhol. A RUS agradece ao professor E. Volek e a Andrés Pérez Simón a autorização para traduzir e publicar o presente ensaio neste número especial da RUS; EMIL.VOLEK@asu.edu

O que resta hoje da Escola de Praga? A resposta depende de como, onde e para quem fazemos essa pergunta. Na República Tcheca, obviamente, ainda há um legado; no exterior, aparentemente, não tanto. Uma coisa é o que os tchecos veem através do prisma de seu estruturalismo, outra bem diferente é o mesmo estruturalismo visto por olhos estrangeiros. Os tchecos concebiam nosso estruturalismo como uma janela para o mundo, a prova de que um dia pertencemos à elite (intelectual) e de que ainda temos, ou assim queremos pensar, algumas coisas a dizer. Para o estrangeiro, porém, o estruturalismo praguense, se não é uma janela, é, em todo caso, algum tipo de claraboia, ou escotilha, situada a meio caminho entre a OPOIAZ de São Petersburgo¹ e o estruturalismo parisiense. De nada adianta, a esta altura, queixar-se de que essa imagem do estruturalismo tcheco no exterior seja basicamente o resultado de uma combinação de ignorância e interesses próprios.

O “estruturalismo” foi uma tendência nas ciências humanas e sociais nos anos sessenta e setenta, como se sabe; porém, as traduções de textos de Jan Mukařovský alcançaram o exterior definitivamente tarde, apesar da crucial importância que toda tradução tem na recepção de um teórico que escreve em uma língua minoritária. Além disso, nos casos em que parte de sua obra foi traduzida para o inglês, francês ou italiano, as traduções foram em geral muito poucas. Caso à parte é o da “doce” França, especialmente cruel em seu comportamento ao seguir os passos de Roman Jakobson, que ignorava totalmente Mukařovský. As tentativas de Mukařovský de escrever em francês resultam, também, totalmente infrutíferas. Outro problema que se soma a isso foi que os seus textos mais complexos,

¹ A sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (OPOIAZ) foi a origem do mais tarde conhecido Formalismo Russo. Este grupo, liderado por Viktor Chklóvski, foi fundado em 1916 e se manteve funcionando até finais dos anos de 1920. Além de Chklóvski, seus membros mais conhecidos foram Boris Eikhenbaum e Júri Tyniánov.

aqueles nos quais reconsiderava toda a sua trajetória de pesquisa (estou pensando especialmente no volumoso conjunto de contribuições reunidas em *Estudos de estética*, de 1966, ou em seu *Semântica poética*, publicado em 1995), foram publicados em Praga muitos anos depois de seu contexto original de escrita. Nem os tchecos conheceram estes textos quando eles foram escritos, muito menos, obviamente, o resto do mundo. E, enquanto isso, o mundo exterior, é verdade, estava ocupado com seus próprios interesses e disputas. É de conhecimento geral que os grandes mercados o são porque sabem vender seus próprios produtos sem ter de importar os produzidos em outras partes do mundo. Haveria então de se perguntar o que era exatamente esse mundo tão cobiçado por nós. Países como França, Alemanha e Estados Unidos, na realidade, sempre operaram como centros autônomos e autossuficientes, mas não como contextos culturais harmonizados. O estruturalismo universal teve certa recepção na Tchecoslováquia dos anos sessenta, mas esse interesse se dispersou em pouco tempo, igual ao que se passou no resto do mundo, se bem que por diferentes motivos e com diferentes consequências (ao menos nem Jakobson, nem Lévi-Strauss foram expulsos da universidade, como foi o caso de muitos professores tchecos que passaram o resto da vida limpando janelas). Ao final, sem nem mesmo levar a sério a tarefa de entender o estruturalismo tcheco, o 'mundo' procedeu a enterrar o estruturalismo francês como *pars pro toto* do pensamento estruturalista na sua totalidade.

Sim, para os estudiosos tchecos, o termo "estruturalismo" invoca o que se poderia considerar como um *continuum* ininterrupto entre as tradições tcheca e francesa; os franceses, para o bem ou para o mal, concebem o estruturalismo como algo exclusivamente francês. É óbvio que, no que tange ao mundo da cultura internacional, a voz francesa silencia a tcheca. Há de se reconhecer, isso sim, que o seu estruturalismo é, na verdade, diferente do tcheco, e que as diferenças entre ambos vão muito além de simples idiossincrasias individuais e dos materiais das distintas disciplinas. Exceto no campo da linguística, o que realmente se passa entre Praga e Paris é uma



mudança de paradigma dentro do pensamento estruturalista. Em todo caso, mesmo essa divergência de interesses não invalida o que constitui uma semelhança de gênero, além do fato inegável de que ambos os estruturalismos compartilham muito mais coisas do que simplesmente o mesmo teto, ou a mesma cama, ao longo de sua história.

O estruturalismo praguense é fenomênico e funcional e procura explicar o fluxo histórico que se faz visível ao interpretar textos literários em contextos sociais cambiantes; o estruturalismo francês, por sua vez, é “profundo” e sistêmico, de traços marcadamente racionalistas e tem como interesse principal aquilo que “subjaz” nos textos: o princípio semântico de sua produção. O estruturalismo francês segue um ideal neoplatônico e kantiano existente *a priori*, o qual, porém, não pode dar conta da especificidade textual e contextual dos artefatos artísticos. O estruturalismo tcheco estuda o nível sintagmático, enquanto o francês trabalha com as dimensões paradigmáticas. Em outras palavras, o primeiro começa estudando o *texto* e depois *o texto em seu contexto*, enquanto o segundo trata de descobrir o *código*. Tanto os russos quanto os tchecos se interessaram pelas duas vertentes (a morfologia formalista de Propp e a fonologia praguense são exemplos de pensamento estruturalista sistêmico), mas o tipo fenomênico-funcional foi sempre o dominante nas escolas literárias eslavas e, no caso de Praga, o único realmente operativo.

Em diferentes momentos de minha obra, tenho procurado mostrar que a coexistência das duas classes de pensamento estruturalista em São Petersburgo e Praga produz, se analisadas juntas, espaços que se abrem de maneira paralela e heteróloga, ou seja, elas são mutuamente irreduzíveis. Por um lado, surge o espaço do código, sempre potencial; por outro, o espaço do discurso/texto em um contexto comunicativo que pode ser tanto potencial como concreto. Entre esses dois extremos, cristaliza-se um espaço que é de natureza transicional, ou seja, o espaço do texto/artefato como portador de significados potenciais. Cada um dos três espaços mencionados opera seguindo uma lógica própria que os torna não assimiláveis entre si. Além disso, cada um dos espaços pode ser conceitualizado

de maneiras muito distintas, como ocorre com o código narrativo, que difere nas explicações de Vladimir Propp, Claude Lévi-Strauss e Algirdas Greimas. Outro exemplo é o das diferentes teorizações sobre o artefato por parte dos formalistas russos, Roman Ingarden e o próprio Mukařovský, entre outros. Em suas diferentes etapas, a teoria literária moderna tem trabalhado de uma ou de outra maneira para outorgar uma posição hegemônica, ou quanto menos dominantes, a um dos três espaços. Estamos falando, em teoria, de espaços correlacionados, mas, devido à sua natureza heteróloga, é impossível construir uma teoria unitária capaz de descrever todo o conjunto a partir da perspectiva de um único espaço privilegiado. Partindo dessa premissa, aceitamos que estes três tipos não são excludentes e que ademais se complementam de maneira necessária. Podemos definir a transição entre escolas teóricas como uma mudança de ênfase dentro de um dos espaços (o do artefato, por exemplo, estudado desde o formalismo russo até a escola de Praga) ou também como uma mudança de ênfase de um espaço a outro (do texto-contexto estudado pela Escola de Praga passamos ao código, eixo central das diferentes manifestações do estruturalismo francês).

Aquele observador que privilegia um único ângulo ao explicar esse contínuo temporal acabará convertendo o que é na realidade uma sucessão histórica em um simulacro de movimento teleológico. Até aqui nada de novo, por outra parte, se considerarmos quantos têm sido os finais dialéticos da história. A sucessão em suposta chave teleológica dos centros do pensamento estruturalista (São Petersburgo – Praga – Paris) que fazem com que todos os caminhos cheguem a Paris, em combinação com o corporativismo e o narcisismo cultural típico da intelectualidade francesa, acaba dando lugar ao dogma irredutível que estabelece que o pensamento estruturalista alcança seu clímax em Paris na forma de constructos estrutural-racionalistas convenientemente aperfeiçoados. Ou, em outras palavras, constructos que são os únicos corretos. A teleologia francesa, indubitavelmente, conecta sua versão estruturalista com o precedente do genebrino Ferdinand de Saussure para instituir assim uma “fonte” francófona como

origem de todo estruturalismo. Em clima de embriaguez intelectual, essa reescrita histórica cumpre sua função legitimadora, ao mesmo tempo que minimiza a importância de influências “estrangeiras”. Para os franceses, o estruturalismo tcheco é simplesmente uma ‘pré-história’ esquecível, que, de fato, se confunde com o formalismo russo (que para eles inclui, entre outros, o “superficial Propp”). Para os tchecos, pelo contrário, não se pode conceber o estruturalismo francês sem a fonologia praguense, do mesmo modo que não se pode conceber a maioria de sua narratologia sem contar com Propp.

Os Estados Unidos viveram durante muito tempo na inocente certeza da Nova Crítica, que se sustentava na análise retórica dos textos a partir de um conjunto de operações simplificadoras (a busca da harmonia primeira, depois a da polissemia e da ironia etc.). A resistência anglo-saxã à “teoria” desmoronou-se finalmente nos anos setenta, em um momento de importação em grande escala de um estruturalismo que, a bem da verdade, já estava contaminado pelos princípios pós-estruturalistas. Os eslavistas das universidades estadunidenses, que até então vinham desempenhado o papel de difusores do estruturalismo (nos campos da linguística e da semiótica) se viram de repente substituídos pelas correntes francófonas, e, a partir de então, tanto o estruturalismo como o pós-estruturalismo – obrigados agora a se mesclarem, ainda que relutantemente – passaram a ser considerados como produtos *made in France*. A elite americana não tardou então em trocar a sóbria Nova Crítica por sua própria versão de uma bombástica desconstrução pós-estruturalista, agrupada em torno da conhecida escola de Yale, que chegou a reivindicar como seu integrante o próprio Derrida.²

² Em 1979, apareceu a célebre coletânea *De-construction and Criticism*, com ensaios de quatro professores de Yale (Harold Bloom, Geoffrey Hartman, Paul de Man y J. Hillis Miller) mais um texto de Derrida, professor visitante em Yale em várias ocasiões desde 1975. Pouco depois da publicação do livro, Derrida perde o interesse em Yale como sucursal norte-americana de seu pensamento desconstrucionista e começa a incrementar a frequência de suas visitas à Universidade da Califórnia em Irvine, onde ministrará seminários regulares por duas décadas. O arquivo pessoal de Derrida, que contém notas e manuscritos desde 1946 a 1998, se encontra nesta última universidade. (Nota de Andrés Pérez Simón)

De tudo o que foi exposto, podemos concluir que, enquanto os tchecos pensam imediatamente em Praga ao falar de “estruturalismo”, o resto do mundo tem em mente unicamente a tradição francesa, o que explica por que os mal-entendidos continuam se proliferando. Há também de se ter em conta, como indiquei anteriormente, que o “mundo” já completou faz tempo o ritual de enterro de tudo o que diz respeito ao estruturalismo, jogando francês e tcheco na mesma vala. Inclusive a semiótica, mais propensa a acolher versões diferentes de estruturalismo, sofreu as consequências dessa varredura teórica e acabou sendo substituída pela retórica fantasiosa do tipo praticado pela desconstrução de Yale, escola que tratou de elevar conceitos como *clinamen*³ (ou talvez quisessem dizer *clitória*, quem sabe) ao posto de décima musa da teoria literária.

Os pós-estruturalistas acusaram o estruturalismo de ser, em essência, uma forma parasita do logocentrismo. Se bem que Derrida nunca tenha chegado a explicar realmente esta acusação, pode-se dizer – se me permitem fazer minha própria leitura – que o logocentrismo representa para ele uma espécie de camisa de força que a metafísica ocidental e a linguagem (quer dizer, a metafísica da linguagem) usam contra aqueles pacientes que, como ele, se rebelam sem nunca alcançar, em todo caso, a libertação total (o máximo que conseguem é virar a camisa do avesso). Segundo Derrida, a hierarquização conceitual preconceituosa que opera no pensamento ocidental e que limita a linguagem, uma linguagem que por sua vez também limita o pensamento, tem sido tradicionalmente justificada em nome do logos, da racionalidade universal. O que se segue é que as consequências destes vícios degenerativos no centro mesmo da linguagem e do pensamento aparecem depois na filosofia sob as formas de diferentes preconceitos e pressuposições em todos os tipos de teorias, e isso, em última instância, acaba fazendo com que fracassem as construções científicas

³ *Clinamen*, conceito inspirado no poema de Lucrecio *Da natureza das coisas*, significa uma guinada brusca (*swerve* é o termo utilizado por Bloom) dos átomos, e é o primeiro dos seis quocientes de revisão mediante os quais Bloom problematiza a relação entre o escritor e seus antecedentes literários, primeiro em seu célebre *A angústia da influência* (1973) e depois em *Um mapa da desleitura* (1975). Os outros cinco elementos são os seguintes: *tessera*, *kenosis*, *demonização*, *askesis* e *apophrades*. (Nota de Andrés Pérez Simón)

mais totalizantes e racionalistas em aparência. Como resultado de tamanha acusação por parte de Derrida e de seus seguidores, as disciplinas anteriormente consideradas estandartes das ciências humanas e sociais se viram, da noite para o dia, jogadas na lata de lixo da história das ideias. A acusação de logocentrismo, seguida de julgamento sumário, as pegaram tão de surpresa que se renderam sem sequer começar a luta. Dessa vez não houve um duelo carregado de simbolismo, como foi o caso de “Barthes vs. Picard” (ver o manifesto de Barthes por uma “Nova Crítica”, de 1966), e o pós-estruturalismo simplesmente recebeu carta branca. A polêmica entre Derrida e John Searle, reproduzida nos primeiros números da revista *Glyph*, em 1977 e 1978, estava na verdade mais para uma escaramuça que serviu de epílogo às conquistas vitoriosas da desconstrução. Nesse contexto celebratório, porém, o que na verdade se sucedeu foi que ninguém se deteve em examinar as bases epistemológicas da desconstrução derridiana. A questão que todavia resulta importante ainda hoje é se um mito virado de cabeça para baixo constitui, no fim das contas, algo diferente de um mito.

Sirva como exemplo das inconsistências do edifício teórico derridiano sua conhecida ideia de *différance*, a qual depende de uma leitura literal de certas passagens do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (“na língua só existem diferenças.”)⁴ Há de se pensar, em primeiro lugar, que a teoria de Saussure pode estar incorreta e, portanto, inaplicável. Afinal de contas, o próprio Saussure corrige a si mesmo imediatamente ao acrescentar: “mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.”⁵ Mas, mesmo aceitando o postulado de Saussure como irrefutável, devemos nos perguntar: É possível transferir sem consequências os problemas de um complexo sistêmico, construído a partir de uma rede de diferenças, aos

4 Conforme edição brasileira: *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 167) (N.T.)

5 *Ibidem*, p. 168. (N.T.)

problemas de funcionamento e uso de tal sistema no processo de comunicação? É possível substituir um determinado valor posicional dentro do sistema por seu significado no contexto da comunicação? No que diz respeito à fundamentação teórica, é evidente que a base da desconstrução é bastante frágil, um amalgama de interpretações *light* de termos linguísticos e semióticos que então se aplicam às problemáticas operativas que são próprias dos espaços heterólogos distintos. A linguagem (o sistema linguístico) e o pensamento (o uso da linguagem para modelar uma realidade virtual ou potencial) não são a mesma coisa. Esse aspecto, a hipótese de Sapir-Whorf sobre como a estrutura de cada língua predetermina o pensamento e a recepção da realidade dos falantes, teoria que ainda resulta sedutora apesar de ter sido impugnada em seu momento, tem dado lugar a uma ampla lista de polêmicas e confusões (incluindo Barthes, que aderiu à moda escrevendo, naturalmente, de Paris, sobre o “fascismo”⁶ da língua).

No entanto, ao mesmo tempo em que criticamos Derrida, temos que reconhecer que, em diferentes passagens de sua obra, o filósofo francês demonstra uma capacidade inata para detectar grandes prejuízos da filosofia ocidental, dos quais só somos plenamente conscientes agora, depois de suas contribuições. Derrida mostra como a linguagem filosófica não está livre da presença de mitos originais e, a esse respeito, o filósofo, em vez de reconfortar-se na superioridade do pensamento moderno, esforça-se em explicitar tais marcas. Em algumas passagens da obra de Derrida, é verdade, a *malaise* francesa do racionalismo alcança extremos quase escolásticos, enquanto o leitor é reduzido ao *pharmakos* sacrificial que deve curar essa enfermidade.

Ao avaliar o caráter pós-estruturalista da obra de Derrida, convém não esquecer, no entanto, um aspecto tão simples como o fato de que o tão discutido pós-estruturalismo está

⁶ Volek se refere às famosas palavras de Barthes na aula inaugural da cátedra de Semiologia Literária no Colégio de França, em 07 de janeiro de 1977. Barthes afirma que “a língua, como performance de toda a linguagem, não é nem reacionária, nem progressista: ela é, simplesmente: fascista; o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (BARTHES, 1980, p. 14, da edição brasileira). (Nota de Andrés Pérez Simón)

na realidade longe de constituir um movimento unificado. O “pós-estruturalismo” não é algo que ocorre simplesmente depois do estruturalismo, mas, na verdade, trata-se de uma reação contra o movimento. O rótulo de pós-estruturalista aglutina, portanto, qualquer escola teórica que estuda algo que não seja o espaço do código, além da data de nascimento de cada escola ou movimento, e a isso se deve precisamente a pluralidade e a heterogeneidade do referido rótulo. O único aspecto que confere uma unidade intelectualmente fictícia ao pós-estruturalismo é o espírito de “reação” que é comum àquelas que se supõem serem suas diferentes manifestações. Nem sequer a invocação de uma mudança de paradigma consegue ocultar a evidência de que há uma certa continuidade entre distintas correntes pós-estruturalistas e o estruturalismo francês que as precede. Um exemplo já mencionado é a maneira pela qual o conceito derridiano de *différence* emerge a partir de uma leitura literal de Saussure, de cuja definição de *langue*, aliás, depende em grande medida o aparato teórico de Derrida. Outro exemplo: a semiologia de extração saussuriana, que não opera com o referente e postula um signo autônomo – que é autônomo porque só é investigado dentro da *langue*, do código – encaixa-se perfeitamente com os postulados antimiméticos e neovanguardistas do grupo pós-estruturalista que se formou em torno da revista *Tel Quel* (1960- 1982).

Poderia se dizer que a desconstrução filosófica que Derrida fez do logocentrismo ocidental constitui o sótão do que viria a ser de um edifício cujos andares superiores vão sendo divididos em muitas escolas e movimentos teóricos, alguns dos quais nada sabem da desconstrução: a intertextualidade e a desconstrução textual, por exemplo, se fundem com a psicanálise lacaniana, a teoria da recepção acaba degenerando na exaltação da subjetividade de cada leitor; a máscara carnavalesca e o dialogismo bakhtinianos entram na desconstrução em defesa do povo; o estudo que Foucault realiza dos discursos de poder compete com o marxismo de longa data, agora convenientemente renovado como psicanálise e pós-modernismo. Todas essas tendências metodológicas de natureza geral têm se mesclado com “teorias” de certos grupos

que reclamam seu espaço na academia, como é o caso do feminismo, dos estudos gay, dos estudos das minorias étnicas, dos estudos pós-coloniais etc. Esse ambiente de excessos, dizem, é precisamente um símbolo do pós-moderno. Eu temo, no entanto, que mesmo Wittgenstein ficaria perplexo ao ver as “semelhanças de famílias” invocadas pelo pós-estruturalismo e pela pós-modernidade. O curioso é que a desconstrução, o “sótão” dessa casa de loucos e companheiros de viagem temporários de um conjunto tão variado de “teorias”, pode colocar os móveis dessa casa de cabeça para baixo, bastando puxar o tapete e mostrar facilmente o ‘logocentrismo’ dessas escolas.

O estruturalismo tcheco tem razão ao se queixar de que a desconstrução não ataca seus princípios fundamentais, mas, sim, as rígidas hierarquias racionalistas que constituem o estruturalismo francês. Os modelos e as modelizações que nascem da escola de Praga são, na verdade, desconstrucionistas *avant la lettre*. Especialmente na década de quarenta, o estruturalismo tcheco desenvolveu práticas e atitudes que bem poderiam ser consideradas como desconstrucionistas, ao elevar a uma nova dimensão a sinergia entre crítica e arte de vanguarda que os formalistas russos haviam estabelecido antes em estreito contato com o futurismo russo. Mas, e de nada adiantaria queixar-se a esta altura, o estruturalismo praguense parece estar irremediavelmente ligado ao francês, como *genus structuralis* que é. Uma forma possível de solucionar tanta confusão seria os defensores do estruturalismo tcheco mudarem de estratégia e passarem diretamente ao ataque. Eles poderiam dizer, por exemplo: “e quanto à Escola da Recepção? Essa vem de nós, não?” Está bem claro que a Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss descende basicamente da Escola de Praga, temperada com o que vem a ser uma leitura provocadora *pro domo sua* (Wolfgang Iser, seu colega da Escola de Constanza, trabalha a partir da fenomenologia da leitura estabelecida décadas antes na Polônia por Roman Ingarden). Além disso: o estruturalismo tcheco tem muito a fornecer à desconstrução, se pensarmos no ensaio “A intencionalidade e a não intencionalidade na arte” (em *Signo*, pp. 415-456), que Mukařovský escreveu em 1943. Vistas dessa perspectiva, as



linhas de continuidade são mais que equivalentes, ao menos para os que conhecem a tradição teórico-literária tcheca. Como pode ser então que o mundo não vê que o estruturalismo tcheco antecipa muitos traços do que logo seria conhecido como pós-estruturalismo, a ponto de já estar praticamente anunciado na década de quarenta? O paradoxo é que, se algum dia se conseguirá esse reconhecimento histórico, de pouco importaria, já que há muito os conhecidos “estudos culturais” têm suplantado o pós-estruturalismo na academia.

O conceito de “estudos culturais”, aliás, é uma contradição *in terminis*, uma vez que o que passa a significar não é nem um “estudo” nem “cultural”. O que se passa é que, cansado da retórica fantasiosa da versão norte-americana da desconstrução, o mundo preferiu resguardar-se nas discussões políticas de sempre, embora agora com um tom mais leve ou com novas aparências, como é o caso da “micropolítica” de Foucault. Quando nasceram no Reino Unido nos anos sessenta, os estudos culturais estavam imbuídos do marxismo praticado à época nas ciências sociais. Depois sofreram uma transformação ao chegar aos Estados Unidos e passaram a ser, e são até hoje, um claro exemplo da insuportável leveza do ser que caracteriza as humanidades, que flertam com tudo sem saber nada. O pior é que seus praticantes sequer estão conscientes do caráter vago de seus princípios, com exceção do já mencionado do terceiro piso do pós-estruturalismo, que além de feminismo e de pós-estruturalismo pode chegar a incorporar também um pouco de estudos da cultura de massa.

Todas essas mudanças e transferências explicitam a lógica perversa por trás da teoria da mudança de paradigma. A verdade é que a ideia de salto proposta por Thomas Kuhn em *A estrutura das revoluções científicas* (1962) funciona melhor nas humanidades e nas ciências sociais do que nas ciências naturais, espaço no qual Kuhn originalmente trabalhou e a partir do qual tem sido duramente criticada a sua teoria. Nas humanidades, em vez disso, um conceito como o de mudança de paradigma funciona bem porque permite justificar o abandono de problemas prévios. Não é que de repente se resolve um problema ou ele deixa de existir, mas agora a comuni-

dade considera que não é mais “preciso” fazer algo que antes era feito. Quando se muda de paradigma nas humanidades, a atenção muda para algo que se considera novo e permanece ali por um tempo, até alguém decidir que o novo está em outro lugar. A lógica que faz com que ocorram mudanças bruscas de paradigma nas humanidades impede que haja uma tendência única que monopolize cada um dos campos de investigação. Em meio a tantas mudanças, não há tempo para discutir essa questão. Simples assim. Na prática, o que há de melhor é um grupo heterogêneo de críticos que se orientam pelas estrelas do momento, que impõem o que vem a ser a última moda de cada disciplina e cujas teorias inovadoras o professorado em geral logo adota e adapta a finalidades particulares. Por essa razão, a academia dos Estados Unidos abraça com tanta naturalidade o conceito de “ecletismo”, que além disso combina muito bem com a retórica da hibridez tão própria à pós-modernidade. Muitos acadêmicos assumem de antemão que os paradigmas vão mudar em breve e, dessa forma, organizam sua carreira para ter êxito durante um ou dois ciclos de pesquisa.

Mais à margem das grandes batalhas teóricas, operam também nos Estados Unidos certos domínios ocupados por professores de línguas estrangeiras ou por pesquisadores com interesses muito particulares. É no âmbito desse nível inferior que sobrevivem certos *membra disiecta* do nosso estruturalismo. Apesar dos erros da tradução inglesa, a famosa passagem sobre a transparência do valor estético que aparece no ensaio de Mukařovský *Função, norma e valor estéticos como fatos sociais* (1936) (em *Signo*, 127-203; ver em particular o intervalo entre 197 e 198) parece ter atraído a atenção de teóricos da arte norte-americanos. De maneira similar, a semiótica teatral da Escola de Praga é respeitada por pesquisadores do campo. Às vezes, a semiótica posterior à fase clássica de Praga (refiro-me aos estudos de Ivo Osolsobě sobre a ostensão) recebe menções ocasionais, ainda que, em sua maioria, superficiais. Quanto aos demais membros do que foi o Círculo de Praga, Jakobson é, com certeza, o mais citado, em particular por seus trabalhos dos anos cinquenta e sessenta, muito diferentes do que havia feito em Praga (basta notar, por exemplo, sua definição lin-

guística rigorosa, e não filosófica, da função poética na sua célebre conferência “Linguística e poética”, de 1958). Deixo fora deste breve resumo as numerosas conquistas da linguística praguense, é claro, às quais não vou me referir aqui por falta de espaço. Se assumirmos que o estruturalismo já foi enterrado várias vezes, esses êxitos menores merecem ser celebrados e até podemos qualificá-los como milagrosos; se, pelo contrário, o que queremos demonstrar é que o estruturalismo é uma tradição viva, não podemos nos conformar com um impacto tão limitado.

Nas humanidades, os paradigmas mudam com a mesma frequência com que muda a previsão do tempo. São modas com datas de validade. Estuda-se nos mínimos detalhes aquilo que é novo hoje, enquanto qualquer coisa com mais de cinco anos é considerada obsoleta. Essa prática acadêmica adquire sentido em um contexto que exalta o moderno enquanto esquece a história, pois o moderno vive na memória por pouco tempo, sempre à procura do novo. E da mesma forma que as modas vão e veem, com algumas mudanças adicionais que justificam sua volta à passarela, os paradigmas humanísticos também vivem o que pode se denominar como o ciclo do (re)descobrimto e o (re)esquecido. Em virtude dessa lógica, é legítimo esperar que em algum lugar em algum tempo futuro os problemas colocados pelos estruturalistas tchecos do passado sejam redescobertos e apresentados como novidade absoluta. Isso depois de serem convenientemente remodelados para serem apresentados como uma descoberta estritamente nova, é claro.

A situação atual do estruturalismo tcheco é, na realidade, mais complicada do que se pode entender a partir dos parágrafos anteriores, já que os tchecos mal conheciam todo o seu estruturalismo até alguns anos atrás; poderíamos dizer então que até mesmo essa versão nacional do estruturalismo está por ser descoberta. Ou, dito de outra forma, o que falta fazer é dar-lhe um sentido novo. Dar sentido a algo significa dar-lhe um fechamento, encerrá-lo, mesmo que estejamos falando de um fechamento necessariamente provisório. A história do estruturalismo tcheco, de fato, é uma história de algumas datas de “encerramentos”: 1938, 1945, 1948, 1968, 1989 etc. Depois da

ocupação nazista em 1939, Mukařovský se apressa em publicar toda a sua obra dos anos trinta (é daí que vem o que será a primeira edição de seus *Capítulos da poética tcheca*, de 1941). Em 1945, após a derrota do exército alemão, Mukařovský muda de estilo, e o que era uma atividade de pesquisa mais ou menos soterrada devido à presença nazi em Praga passa agora a ser algo mais aberto e público que tem como finalidade ajudar a reconstituir o panorama intelectual tcheco no pós-guerra. A liberdade, porém, só dura até 1948, ano em que a União Soviética impõe a Cortina de Ferro. O Círculo de Praga acaba desmantelado por completo e é por esse motivo tão óbvio que 1948 tem sido tradicionalmente considerado como a data de falecimento do estruturalismo tcheco. Porém, nesse mesmo ano de 1948, Mukařovský consegue publicar uma segunda edição do seu *Capítulos de poética tcheca*, coletânea de ensaios que basicamente repete e confirma a “conclusão” a que seu pensamento estruturalista havia chegado por volta de 1938-1940. O que se segue então é a fixação de uma imagem “tradicional” do estruturalismo tcheco como fenômeno literário e linguístico que se adapta a uma espécie de teleologia originada no formalismo russo (assim é como explicam a história do Círculo de Praga em influentes obras do pós-guerra, o manual de René Wellek e Austin Warren e a história do formalismo russo de Victor Erlich, surgidas em 1949 e 1955, respectivamente).⁷ Em 1966, em um clima de relativa abertura, Mukařovský consegue publicar seu *Estudos de estética*, coletânea que oferece novos panoramas teóricos, mas dois anos depois da ocupação e da “normalização” voltam a silenciar o país; e os textos que po-

⁷ *Theory of Literature*, de Wellek e Warren, foi publicado originalmente em 1949 e, durante várias décadas, serviu de manual de uso obrigatório para gerações de estudantes de literatura no mundo Anglo-saxão. A primeira tradução deste livro apareceu precisamente em língua espanhola, graças à intermediação de Dámaso Alonso, que administrou a versão castelhana para a Editora Gredos e escreveu o prólogo para *Teoría Literária*, publicado em 1953. O segundo título citado por Volek é *Russian Formalism: History – Doctrine* (1955), texto em inglês de Victor Erlich, logo traduzido para distintos idiomas. Ainda que boa parte das afirmações que Erlich faz dos formalistas russos sejam errôneas – e estou me referindo tanto à teoria quanto à história do grupo – ainda é possível encontrar críticos que perpetuam o clichê de que o livro de Erlich é a melhor análise global do Formalismo Russo. Erlich concebe a Escola de Praga como uma ramificação do formalismo Russo na Tchecoslováquia. (Nota de Andrés Pérez Simón)

deriam ter mudado a imagem do estruturalismo tcheco nunca chegam a ser lidos em profundidade no exterior. Após a invasão soviética de 1968, o trabalho de Mukařovský no campo da estética é mais uma vez proibido, relegando-os a espaços clandestinos, como se tivesse ocorrido um salto para trás no tempo, retroagindo até os anos de ocupação nazista. É lícito afirmar que 1968 é o segundo enterro simbólico do estruturalismo tcheco, ainda que os felizes coveiros marxistas não tenham conseguido matá-lo por completo. No início dos anos oitenta, recupera-se as conferências realizadas por Mukařovský nos anos trinta, ainda que seja verdade que foram publicadas em Viena, não em Praga. Na verdade, foi só em 1995 que esses textos foram publicados em Praga, agrupados sob o título coletivo de *Semântica da Poesia*. Dez anos antes desse evento editorial, em 1985, havia sido publicado “Dos aspectos funcionais da poesia”, um antigo ensaio que mostra as primeiras incursões teóricas de Mukařovský antes de conhecer a tradição do formalismo russo. E assim, de forma intermitente, sua obra vai sendo recuperada. Ainda hoje não podemos ter certeza de ter chegado a descobrir todos os aspectos do que foi sua obra tal como foi concebida originalmente.

O que é especialmente problemático ao nos aproximarmos de Mukařovský e a Escola de Praga é que o que se tem publicado sobre eles tem sido limitado pelas interrupções históricas e pelas diversas “mortes” que se lhes têm sido dadas ao longo do século XX. Considero que é chegada a hora de inaugurar uma nova perspectiva que dê um novo sentido tanto a Mukařovský quanto aos demais membros do Círculo de Praga no contexto da teoria literária atual que ocorre tanto dentro como fora da República Tcheca. Não se trata de seguir lutando para montar um quebra-cabeça a partir de uma peça faltante que nos permitirá completá-lo de forma mágica e definitiva. Trata-se, antes disso, muito mais de uma questão de aplicar o prefixo re-: re-conhecer, re-avaliar, re-configurar, re-pensar. Algo que, aliás, não é fácil.

Um panorama completo do estruturalismo tcheco ao longo da história, por um lado, e nosso presente, em constante mudança, por outro, se apresentam como dois horizontes

assimétricos que requerem uma nova forma de pensar o estruturalismo. Parece possível explicar o que foi o estruturalismo na história, ao menos de um ponto de vista material, mas a verdade é que nosso presente segue mudando diante dos nossos olhos e por isso só podemos problematizá-lo de uma perspectiva necessariamente provisória. De pouca ajuda nos serve invocar o clássico princípio estruturalista que afirmava que podemos decidir de alguma forma o amanhã a partir do que poderia ser o desenrolar imanente das condições do presente que nos são dadas hoje. Há de se resistir à tentação de extrapolar as regras de pequenos sistemas fechados (a fonologia, por exemplo) a áreas culturais mais amplas (falo de “áreas” porque me nego a usar termos como “totalidades” ou “sistemas”). No passado, a ideia de que se podia predizer o amanhã dava sentido ao nosso presente, mas o pensamento pós-moderno, tão afeito à teoria do caos e com complexos sistemas não lineares, rompeu faz tempo com essa ilusão. Conceitos como o de um “inconsciente coletivo” que concentra os valores da sociedade ou que revela a “estrutura” do nosso presente também não se mostram de grande ajuda diante dessa conjuntura. No caso concreto da noção de inconsciente coletivo, que se supõe ser garantia de conhecimento do nosso tempo, temos de nos perguntar onde podemos encontrá-lo. As normas e os valores coletivos não vivem em algum tipo de espaço natural, fora (nem dentro) dos códigos legais. Poderíamos nos referir, em todo caso, a um projeto crítico, algo como uma reconstrução de como e onde habitam tais valores em uma certa realidade histórica. Mas, mesmo que essa abordagem seja adotada, há ainda aspectos impossíveis de serem definidos por completo, como observa Mukařovský em “Intencionalidade e não intencionalidade na arte”, ensaio ao qual já me referi.

Hoje, quando nós, intelectuais tchecos, finalmente desfrutamos de liberdade de expressão, encontramos com o paradoxo de que a teoria literária parece já não ser do interesse de ninguém. O século XXI tem presenciado inclusive o “enterro” da teoria nos Estados Unidos, ritual oficializado por um dos seus antigos defensores, Stanley Fish (tudo está explicado em detalhes na crônica de Emily Eakin no *New York Time* publi-

cada no dia 19 de abril de 2003⁸). De qualquer forma, como já deve ter ficado claro a essa altura do presente ensaio, a história da teoria literária (do estruturalismo, em particular) está cheia de enterros prematuros. E, na verdade, não me parece particularmente lamentável que tenhamos de desenvolver nossas teorias fora do âmbito da cultura de massas e sem receber os aplausos fáceis dos grandes meios de comunicação. Temos que desfrutar a conjuntura e pensar que ao menos agora podemos trabalhar em paz. Como o que se passou com o surrealismo na arte, a teoria literária teve seus anos de glória e agora tem que se confortar com um lugar secundário, quase subterrâneo. Trata-se de habitar o porão e promover de lá uma reflexão sobre a história e sobre algumas questões básicas que seguem sem resolução, igual ao que se passa com todas as perguntas básicas. Já não convivemos mais com a ideia, tão moderna, de sempre termos que seguir em frente, o que não é de todo ruim.

Em suma, e voltando ao ponto de partida deste ensaio, nos perguntamos de novo o que resta hoje da tradição do Círculo de Praga. O estruturalismo tcheco é, evidentemente, parte do contexto vital e acadêmico da atual República Tcheca, um contexto tão autossuficiente e centrado em si mesmo como poderia ser qualquer outro contexto cultural ativo. Não há dúvidas, a essa altura, da validade do estruturalismo tcheco tanto na prática investigativa quanto na pedagógica, não só por ser algo nosso, mas por que somos os que melhor podem compreender seus matizes e limites. Trata-se de um longo trajeto do qual devemos nos orgulhar, sem dúvida. Mas contentar-se com essa conclusão seria demasiado fácil. Há de se multiplicar o herdado e não de escondê-lo na areia. Pode ser que o mundo exterior siga nos ignorando, como tem ocorrido tantas vezes, mas não devemos ignorar o mundo. Faz-se necessário dialogar com o que acontece do lado de fora e, por mais absurdo que possa parecer, também devemos participar dos debates atuais sobre teoria literária, já que a qualquer momento

⁸ Trata-se do artigo "*The Latest Theory Is That Theory Doesn't Matter*", disponível em <https://www.nytimes.com/2003/04/19/books/the-latest-theory-is-that-theory-doesn-t-matter.html>, acesso em 06/07/2021. (N. do T.)

podemos encontrar algo que valha a pena. O estruturalismo tcheco, parte da história tcheca, de sua identidade cultural e até de seu coração – afinal de contas, já se sabe, nós tchecos também somos essas delicadas almas eslavas –, constitui um ponto de partida excelente e um estímulo para o que há de ser uma atitude ativa para conosco e para com o mundo.

Referências bibliográficas

BLOOM, Harold. *La ansiedad de la influencia: una teoría de la poesía*. Trad. Javier Alcoriza y Antonio Lastra. Madrid: Trotta, 2009.

BLOOM, Harold et al. *Deconstruction and Criticism*. New York: The Seabury Press, 1979.

JANDOVÁ, Jarmila y VOLEK, Emil (eds. y trads.) *Teoría teatral de la Escuela de Praga: de la fenomenología a la semiótica performativa*. Madrid-Bogotá: Fundamentos/RESAD / Universidad Nacional de Colombia, 2013.

MUKAŘOVSKÝ, Jan. *Signo, función y valor: Estética y semiótica del arte de Jan Mukařovský*. (Ed. Emil Volek. Trad. Jarmila Jandová). Bogotá: Plaza y Janés/Universidad Nacional de Colombia/Universidad de los Andes, 2000.



MUKAŘOVSKÝ, Jan. *Studie z estetiky*. Praga: Odeon, 1966.

PÉREZ-SIMÓN, Andrés (eds. y trads.). *Despistemes: La teoría literaria y cultural de Emil Volek (Antología de textos)*. Madrid: Editorial Verbum, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*. Trad. Amado Alonso. Madrid: Alianza, 1987.

TOMAN, Jindřich. *The Magic of Common Language. Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy, and the Prague Linguistic Circle*. Cambridge: MIT Press, 1995.

VOLEK, Emil. *Metaestructuralismo: Poética moderna, semiótica narrativa y filosofía de las ciencias sociales*. Madrid: Fundamentos, 1985.

Traduzido por Valteir Vaz⁹

Recebido em 16/07/2021

Aceito em 16/08/2021

⁹ Professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Fundação Santo André e no CEE-TPS. Realiza pós-doutorado sobre o período tcheco de R. Jakobson, na Universidade de São Paulo; <https://orcid.org/0000-0002-9960-3332>; valvaz@usp.br